

Diálogos com Teresinha Queiroz: literatura, imprensa e representações femininas no Piauí no início do século XX.

Dialogues of Teresinha Queiroz: literature, the press, and female representations in Piauí in the early 20th century.

Pedro Vilarinho Castelo Branco

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor efetivo da Universidade Federal do Piauí.

Resumo: O artigo analisa a transição dos papéis de gênero no início do século XX, abordando como a imprensa e a sociedade conservadora defendiam a indissolubilidade do casamento como garantia da estabilidade familiar, valorizando a maternidade e a dedicação da esposa ao lar. Aproveitando as referências de Teresinha Queiroz em seus estudos sobre os literatos piauienses o texto reflete sobre como as mulheres de elite agiam sob as prescrições sociais para os papéis femininos na época. Por um lado, a igreja católica defendia e ensinava que a condição existencial das mulheres deveria se alinhar aos ditames da tradição patriarcal, enquanto, por outro lado, os literatos, livres-pensadores, defendiam a escolarização feminina e o alinhamento das mulheres ao mundo moderno. E as próprias condições históricas do início do século XX despertava nas mulheres o desejo de vivenciar novas perspectivas de sociabilidade que apontavam para a emancipação feminina, para a conquista da cidadania pelo direito ao voto e pelo acesso aos espaços públicos e ao trabalho remunerado.

Palavras-chave: História; Piauí; Mulheres; Prescrições sociais.

Abstract: This article analyzes the transition of gender roles in the early 20th century, examining how the press and conservative society advocated for the indissolubility of marriage as a guarantee of family stability, while valuing motherhood and a wife's dedication to the home. Drawing on Teresinha Queiroz's studies of writers from Piauí, the text reflects on how elite women navigated the social prescriptions regarding female roles at the time. On one hand, the Catholic Church maintained and taught that women's existence should align with the dictates of patriarchal tradition; on the other, writers and freethinkers advocated for female education and the alignment of women with the modern world. Furthermore, the historical conditions of the early 20th century awakened in women a desire to experience new forms of social interaction that pointed toward female emancipation and the attainment of citizenship through voting rights and access to public spaces and paid employment.

Keywords: History; Piauí; Women; Social prescriptions.

A sociedade ocidental trouxe, como herança do século XIX, a valorização da família, agora marcada por forte carga sentimental baseada no amor conjugal e no amor materno. Outra característica dessa sociedade seria a separação entre os espaços privado e público. O primeiro se caracterizaria pelas relações íntimas e afetivas, enquanto o segundo seria marcado pela racionalidade e inteligência. À mulher, por ser considerada mais frágil e afetiva, caberia o espaço privado; por outro lado, o homem, por pautar seus comportamentos na racionalidade e no uso da inteligência, exerceria suas funções sociais no espaço público. Esses eram os modelos sociais aceitos e valorizados, particularmente para os grupos de elite e médios da sociedade que passavam no período em estudo, por processo de aburguesamento e de incorporação de novos valores comportamentais que impactavam nas suas sociabilidades.¹

No final do século XIX e início do século XX, as mulheres em Teresina, muitas recém migradas das áreas rurais, ainda muito apegadas aos valores do mundo rural tradicional patriarcal, tinham que lidar com novas propostas de sociabilidades femininas, duas propostas modernas assediavam as famílias e as mulheres dos grupos médios da sociedade naquele momento histórico. Um guardando proximidades com o mundo tradicional, continuava a reproduzir as práticas patriarcais, agora repaginadas, cobrando das mulheres melhor formação escolar, novos saberes para bem desempenhar seu papel de mãe e esposa, esse discurso que determinava o espaço privado e o cuidado com a casa e os filhos como missão feminina. No entanto, as sociedades ocidentais apresentavam às mulheres outras possibilidades, começa a ganhar corpo outra proposta, que buscava emancipar a mulher. O objetivo era possibilitar às mulheres os mesmos direitos antes reservados apenas aos homens. Emancipar as mulheres significava estender a elas o sufrágio universal, permitindo o exercício da cidadania, por meio do voto, bem como criar oportunidades mais significativas de escolarização e a consequente inserção no mercado de trabalho, em profissões ainda limitadas, mas que já se tornavam espaços possíveis de presença feminina.

As mulheres de elite do início do século XX encontravam-se divididas entre ocupar novos espaços, lutando pela sua emancipação, ou aceitar sem grandes questionamentos o papel de mãe, esposa e filha que a sociedade tentava impor. São exatamente as ideias que estavam em jogo nesse momento, que tentaremos expor no presente capítulo. O nosso objetivo fundamental será descrever e analisar as ideias que direcionavam a mulher para o espaço doméstico, para a vida tradicional e as que, por outro lado, tentavam levá-la ao futuro, a vislumbrar novos horizontes. Essa luta entre o novo e o velho, entre o tradicional e o moderno, tendo como centro a mulher e a sua vida, será nosso ponto principal de discussão.

A vida feminina no início do século XX transcorria principalmente no espaço doméstico. Nele, a mulher exercia suas funções sociais. O casamento, agora baseado no amor e na liberdade de escolha, fazia do lar um lugar privilegiado, de felicidade, que se completaria com a procriação e o consequente exercício da maternidade, vista como a atividade mais doce e invejável que a mulher poderia exercer. O lar era o espaço privilegiado dessa mulher, onde ela reinava soberana, fazendo-o um lugar elegante, festivo, entretanto sem tumulto, sem banalidades. Essas deviam ser as preocupações da mulher que desejasse conquistar para sempre o amor do marido, e se perpetuar na memória dos filhos que deixassem a casa paterna.²

1. COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos - a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 31-35.

2. “Um trecho - A arte de viver na sociedade”. **Gazeta**. Ano I, Nº 32, Teresina, 24 de agosto de 1905, p. 3.

As relações conjugais, por seu lado, deviam ser pautadas no respeito e dedicação da mulher ao esposo. O homem tinha, como garantia da sua supremacia na esfera familiar, o amparo legal que o colocava como cabeça do casal, e ainda toda a herança de tradições patriarcais que valorizava os papéis masculinos de pai e marido. Outro aspecto relevante dessa supremacia masculina na esfera familiar era o fato de os homens, principalmente da elite, exercerem suas funções nos lugares públicos e neles também participarem das questões políticas. O exercício da cidadania era facultado aos homens e, para que eles pudessem tomar decisões com retidão e clareza, teriam que estar bem informados dos acontecimentos.³ A mulher, por seu lado, deveria respeitar as opiniões do marido, mais experiente, conhecedor das dificuldades da vida e das armadilhas da política. Esse discurso de obediência às opiniões masculinas fica claro num artigo de 1905.

Uma mulher de opiniões muito acentuadas, de gênero muito decidido, e muito intransigente, arraigada teimosamente às próprias ideias, incapaz de entrar nos gostos e nas predileções de outras pessoas com quem convive, não admitindo salvação fora do grêmio em que se conserva incomunicável e impenetrável às impressões alheias, não poderá ser nunca um centro de sociabilidade agradável ou de felicidade doméstica.⁴

As mulheres, depois de casadas, deveriam assumir novos comportamentos; suas funções exigiam novas posturas, um ar grave, demonstrando recato e seriedade. As relações familiares, que teriam como base o amor, a afeição e a intimidade entre pais e filhos, colocariam a mãe como a principal responsável pelo bem-estar dos membros da família, a quem a mulher deveria dedicar sua vida, seus afetos, todos os esforços e sacrifícios. Esse discurso de abnegação e total dedicação aos filhos e ao esposo era propagado e valorizado, em parte, pela igreja Católica.⁵ O modelo a ser seguido era o da “Sagrada Família”, no qual Maria assumia o papel de esposa e mãe dedicada e preocupada com o filho. Em 1926 é publicada na imprensa uma série de artigos intitulados: “Palavras de Maria as suas filhas”, que tinha, como conteúdo, conselhos a moças para que assumissem com seriedade suas funções familiares:

Filhas grave é o dever da mulher como esposa, grave e santo, pois nele está concretizado o sacerdócio da maternidade.

Sim, porque a mulher que se torna esposa, prestes está a ser mãe, e, portanto, deve preparar-se para as difíceis, porém sublimes, eventualidades do sacerdócio da maternidade. (. . .)⁶

Uma boa formação moral era essencial para que a mulher cumprisse com firmeza as suas funções de esposa. Os homens esperavam que as mulheres fossem fiéis, queriam ter a certeza de gerar com elas os filhos que dariam continuidade ao seu nome, às suas tradições familiares e que herdariam seu patrimônio. A fidelidade feminina nem sempre tinha como contrapartida o mesmo comportamento por parte do esposo, que muitas vezes tinha vida sexual ativa fora do casamento. As infidelidades masculinas deveriam ser relevadas, visando à

3. ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. **A vocação do prazer**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993, p. 44-62.

4. “Um trecho - A arte de viver na sociedade”. **Gazeta**. Ano I, nº 32, Teresina, 24 de agosto de 1905, p. 3.

5. PERROT, Michelle & DUBY, Georges. **História das mulheres - o século XIX**. Vol. 04, Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1995, p. 199-237.

6. “Palavras de Maria a suas filhas”. **O Piauí**. Ano LX, Nº 244, Teresina, 06 de novembro de 1926, p. 1.

preservação e equilíbrio do lar e da família. Na perspectiva do pensamento católico do início do século, esses seriam pequenos sacrifícios que Deus saberia como recompensar.⁷

Mesmo com possíveis problemas de relacionamento, o casamento continuava a povoar a imaginação e o desejo das moças. Esperavam encontrar um homem compreensivo, amoroso, carinhoso, que lhes proviesse sustento digno, e a quem elas recompensariam com dedicação, fidelidade e filhos. Casar-se era, acima de tudo, uma forma de realização pessoal para as mulheres.

Quando, nos primeiros anos da República no Brasil, começou uma acalorada discussão em favor do divórcio e da possível dissolução matrimonial, pessoas mais ligadas ao pensamento conservador discordavam incondicionalmente da ideia, e a imprensa brasileira foi palco de acirradas discussões sobre o tema.⁸ As pessoas contrárias à implantação do divórcio dirigiam-se em seus artigos, principalmente, ao público feminino, que, segundo elas, seriam as maiores vítimas do divórcio. Acabar com a indissolubilidade do casamento seria tirar da mulher a sua estabilidade, a tranquilidade para cuidar dos filhos; era colocá-la à mercê de homens inescrupulosos, que se aproveitariam das moças e depois as abandonariam. Na imprensa teresinense o debate também se dava de forma intensa, como se evidencia no trecho de um artigo de 1903:

Querem esposas e mães extremosas, perturbar a felicidade do vosso lar.
Querem e dizem que advogam a vossa causa e querem que a vossa beleza, os vossos encantos, as vossas virtudes, as vossas dedicações inexcedíveis, o vosso pudor e as vossas crenças religiosas sejam a presa possível da concupiscência de homens sem crenças, sem moral, sem virtudes sociais, que, depois de colherem todas as vantagens, vos abandonarão depauperadas de forças, sem mocidade, sem encantos, sem fortuna, às tristezas da velhice.⁹

O pensamento católico reservava também à mulher a missão divina de ser mãe. A ela caberia a criação e educação dos filhos, a quem dedicaria sua vida. A boa formação moral e o apego aos valores cristãos seriam o resultado a ser alcançado e também a prova de que a mãe cristã teria obtido sucesso na sua atividade formadora. A ela caberiam os méritos e toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do filho,¹⁰ pois da mesma forma que a sociedade enaltecia as mães que sabiam conduzir os filhos aos bons comportamentos e boa formação de caráter, condenava aquelas que fracassavam em sua missão.¹¹

Desde o século XVIII, a Igreja Católica começara a divulgar uma nova imagem da mulher, que deixa de ser vista apenas como a Eva pecadora, ser astuto e diabólico sempre pronto a seduzir os homens, e que, portanto, precisava ser vigiado e reprimido — a imagem negativa de Eva é substituída pela da Virgem Maria. “A maternidade da virgem apagou o pecado de Eva”.¹² Dessa positiva imagem feminina, resultaram a intensa devoção mariana e a recuperação da mulher a partir do exercício da maternidade.

7. “Palavras de Maria a suas filhas”. **O Piauí**. Ano LX, Nº 244, Teresina, 06 de novembro de 1926, p. 1.

8. ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. Op. cit. P. 125-155.

9. “O divórcio, o catolicismo e a mulher”. **O Estado**. Ano I, Nº 34, Teresina, 16 de maio de 1903, p. 2.

10. COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Op. cit. P. 38.

11. “Incúria materna”. **O Correio**. Ano I, Nº 13, Teresina, 24 de setembro de 1901, p. 1.

12. PERROT, Michelle & DUBY, Georges. Op. Cit. P. 230.

Essa perspectiva tradicional, que via a mulher como tendo a sua vida voltada essencialmente ao espaço doméstico e aos papéis de esposa e mãe, não é exclusividade do pensamento cristão e das pessoas ligadas aos seus ensinamentos. Os intelectuais livres-pensadores e que formavam parcela da maçonaria, ao combater a Igreja Católica e sua influência, principalmente no meio feminino, apresentavam visão muito próxima à dos opositores no que concerne aos papéis sociais femininos. Etelvina Trindade, ao analisar os discursos católico e livres-pensadores em Curitiba no início da República, evidencia como os modelos femininos para o pensamento laico eram extremamente próximos aos católicos.¹³

O pensamento de Clodoaldo Freitas,¹⁴ intelectual livre-pensador e ligado à maçonaria, exemplifica essa visão de mundo que buscava afastar a religião da educação feminina, mas continuava a valorizar uma boa formação moral e a reservar às mulheres os seus papéis tradicionais de esposa e mãe.

Eu só admiro a mulher na santidade do seu lar, tratando da família. Quanto maior o número de filhos que uma senhora cria com desvelo e solicitude, mais a considero sábia e santa. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha; mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho que não quer se conformar com os deveres do seu sexo.¹⁵

Para Clodoaldo Freitas, as mulheres deveriam reservar-se às funções tradicionais, principalmente porque a sua conformação orgânica era diferente da masculina. Não tendo o mesmo vigor físico do homem, não poderia competir com ele. A argumentação dos livres-pensadores, para justificar a submissão feminina na sociedade, marca a diferença entre a sua proposta de papéis sociais para a mulher e as da Igreja. Enquanto a última se utiliza de argumentos ligados ao pensamento religioso, aos papéis sociais femininos contidos nas Sagradas Escrituras, os livres-pensadores pautavam sua argumentação na ciência, mostrando as diferenças orgânicas entre os sexos, evidenciando a partir das peculiaridades físicas como as mulheres podem adaptar-se mais facilmente aos espaços domésticos onde contariam com a proteção masculina. Os homens, por seu lado, teriam maior capacidade física, a qual utilizariam para vencer as dificuldades do mundo e ganhar, com o trabalho, a subsistência da família. Além disso, era mais racional e inteligente, o que o tornava apto a participar das disputas verbais nos tribunais e a trilhar outros caminhos do conhecimento humano.¹⁶

Outra característica da visão dos livres-pensadores era a de que o papel fundamental da mulher era educar os filhos para a grandeza da pátria. A ela cabia a função de ensinar-lhes o amor pelo solo pátrio. Prepará-las para essa missão patriótica deveria ser o principal objetivo

13. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias - Mulheres de Curitiba na Primeira República**. São Paulo, USP, 1992. p. 25-35.

14. Sobre Clodoaldo Freitas e seu pensamento, consultar: QUEIROZ, Teresinha. **Os Literatos e a República. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Fundação Cultural Mons. Chaves. Teresina, 1994.; CHAVES, Joaquim. **Apontamentos biográficos e outros**. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 149-152.

15. FREITAS, Clodoaldo. **Em roda dos fatos**. Teresina, Tipografia Paz, 1911, p. 73.

16. FREITAS, Clodoaldo. Op. cit. P. 74.

da escola, de onde as moças deveriam sair preparadas física, moral e intelectualmente para exercer as funções de mãe e educadora.¹⁷

As mulheres que não cumprissem dignamente suas funções maternais eram vistas com maus olhos pela sociedade, que estava sempre pronta a observar, julgar e condenar comportamentos ilícitos e que fossem de encontro aos rígidos padrões morais. Exemplo da condenação aos comportamentos sociais incompatíveis é o de Maria Adriana, viúva que, tendo caso amoroso com determinado senhor, acaba por engravidar. O homem, ao saber da gravidez, termina o relacionamento, deixando toda a responsabilidade do filho por conta da viúva. Maria Adriana consegue esconder a gestação até o final, quando dá à luz uma criança do sexo masculino que, imediatamente após o parto, é morta e enterrada no chão do próprio quarto. Descoberto o crime, a cidade se escandaliza, a notícia toma conta dos jornais, levando Maria Adriana à execração pública e à cadeia.¹⁸

O primeiro erro da referida senhora, para os rígidos padrões morais impostos às mulheres, foi não ter se mantido longe de uma vida sexual ativa após a morte do marido; entretanto, por essa falha, provavelmente teria continuado no anonimato. A falha maior, e que a expôs à sociedade, foi o assassinato do próprio filho logo após o nascimento. Com esse ato, ela se tornou exemplo negativo para outras mulheres. Se a maternidade era algo tão valorizado, matar o próprio filho ganha conotação fortemente negativa. Casos como o dessa viúva repetiam-se na cidade, alimentando escândalos, o que fica patente nos termos usados por um cronista ao referir-se a outra mulher que cometera o mesmo crime: “A mãe-fera está em tratamento na Santa Casa e vai ser processada por seu horrível crime”.¹⁹

Numa sociedade que tendia a colocar a criança no centro da vida familiar e exaltava as funções maternais, matar uma criança indefesa era crime bárbaro e chocava as pessoas; porém, quando esse crime era praticado por aquela que mais deveria protegê-lo, ampará-lo e guiar os seus passos para bem servir a Deus e à pátria, o crime ganhava dimensão bem maior. Nos casos de infanticídio que encontramos, as mães praticavam os crimes não por instinto violento, mas para protegerem sua imagem de mulher honrada, honesta e digna do respeito da sociedade. As vítimas eram frutos dos seus amores ilícitos, o que tornava a criança prova material de deslizes morais.

Numa sociedade em que a realização feminina passava pelo casamento e pela criação dos filhos, como ficavam as mulheres que não casavam? Como a sociedade percebia a mulher solteira?

Para Michelle Perrot, no final do século XIX e início do século XX, a solidão feminina era particularmente difícil. Não casar significava não se enquadrar dentro de modelos sociais idealizados; além disso, o sustento, quase sempre provido por figura masculina: num primeiro momento, pelo pai e depois de casada, pelo marido. Após a morte do pai, conseguir o sustento seria um problema para as não casadas.²⁰

As imagens das mulheres solteiras na sociedade eram as seguintes: a primeira, de mulher desavergonhada que vive de seus encantos, a seduzir os homens casados e a ameaçar

17. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Op. cit. P. 25-35.

18. “A Maria Adriana”. **O Nordeste**. Ano I, Nº 08, Teresina, 17 de janeiro de 1920, p. 7.

19. “Jesus matou o filho”. **Piauí**. Ano XXIII, Nº 1249, Teresina, 11 de outubro de 1913, p. 3.

20. PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários: **História da Vida Privada**. Vol. 04, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 281-303.

a tranquilidade e o equilíbrio das famílias; rival das casadas, é motivo de preocupações. A segunda é a de que não teve encantos suficientes para conquistar um homem, que não soube prendê-lo aos seus encantos; vista em tom de zombaria, de reprovação, a ela serão direcionados adjetivos como rabugenta, maledicente, intrigante, histérica e maldosa.²¹ Uma terceira imagem projetada pela figura da mulher só mostra uma moça nova, bonita e cheia de vida que por indecisão ou por esperar melhor partido, acaba por perder várias oportunidades e transformar-se, finalmente, na mulher frustrada, mal humorada e solitária.

Em 1926, o jornal **O Piauí** foi palco de uma discussão sobre as solteironas em Teresina. A polêmica começou com o artigo do cronista Edmo, que defendia a ideia de que a realização feminina só acontecia com o casamento e o exercício da maternidade, colocando a mulher solteira como frustrada:

É mesmo um pouco desolador passar pela vida e no meio do perfume, da beleza, do tom e da harmonia e não se embeber nela com o ímpeto dionisíaco.
É o caso da solteirona. Porque a missão da mulher na Terra é a maternidade.
E se assim não acontece, ela, como a árvore ingrata, não deu a sua sombra a seres vivos e não floresceu os seus galhos e não sazou os seus frutos.²²

A posição de Edmo acaba por provocar discordância no meio social, e uma senhora, usando o pseudônimo de Berenice, escreve um artigo para o jornal **Piauí** sobre o tema “As Solteironas”, dando um parecer favorável às mulheres solteiras. No discurso de Berenice, percebe-se a amargura de uma mulher casada que vê na independência das solteiras um ponto positivo; para ela, a frustração da mulher por não ter casado parece ser menos dolorosa do que a convivência com um homem que não entende os sonhos e desejos femininos.

Eu li a crônica de Edmo sobre as solteironas, mas vejo que ele entende muito pouco de psicologia e faz um conceito muito errado dessas mulheres superiores que, muitas vezes repelindo situações magníficas, partidos vantajosos, deixam-se ficar numa situação que não é esquerda, nem humilhante, livre de qualquer tutela, dona de suas ventas, como se costuma dizer sem a pressão esmagadora do homem .
(. . .)

Eu posso dizer, por experiência própria, que é uma verdadeira desgraça para uma donzela casar-se com um homem que não a compreende, que com ela não tenha afinidades espirituais. Por isso eu admiro a mulher que, repudiando partidos, vendo a falsidade de doirados oiroleus, encerra-se consigo mesmo, com a sua alma, com a sua visão interior e assim vive feliz (...).²³

Uma terceira cronista, a senhora Eglantine, tinha opinião diferente da anteriormente citada. Enquanto Berenice assume postura favorável às solteironas, Eglantine discorda de seu posicionamento, baseando sua argumentação no imaginário e no desejo das mulheres do período. Disserta sobre a importância do matrimônio para as mulheres e como este era percebido como o lugar privilegiado do amor conjugal e maternal. Se o casamento no imaginário das

21. PERROT, Michelle. Op. cit. P. 281-303.

22. “Vida solteira - solteironas”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, Nº 33, Teresina, 10 de março de 1926, p. 4.

23. “Vida social - o meu ponto de vista”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, Nº 36, Teresina, 13 de fevereiro de 1926, p. 4.

moças estava marcado pela presença do amor, da lealdade, da compreensão e da segurança, não casar-se seria abdicar da felicidade.

(...) Amar, ser amada, possuir um lar com um marido leal e bom, que nos compreenda (e nota, nunca julgamos que possa vir a ser de outra maneira) eis a vontade, o anseio, mais ardente de todas nós .

(...)

Não, minha amiga, sou mulher e por isso mesmo muito desconfio e não creio, repito-te, pedindo perdão, nessas situações magníficas, nesses partidos vantajosos repelidos. Tudo é obra de tua imaginação, da tua fantasia, ou por outro, da tua descrença, da tua infelicidade com o casamento.²⁴

Conseguir meios para prover o sustento era outro problema das solteironas. Nas famílias de elite, o sustento poderia vir das heranças; em alguns casos, havia também mulheres que trabalhavam e conseguiam recursos financeiros. Uma terceira saída possível era aceitar a tutela de irmãos ou outros parentes; nesse caso, elas ajudavam nos trabalhos domésticos e na criação das crianças em troca de moradia e proteção. Segundo Michelle Perrot, as mulheres poderiam se livrar mais facilmente do casamento do que da tutela masculina. Essa emancipação se tornava difícil porque as oportunidades de trabalho eram poucas, e os salários pagos às mulheres eram relativamente menores que os dos homens.²⁵

Para as mulheres pobres, o sustento era conseguido através do trabalho, que era visto muito mais como forma de prover a sobrevivência do que como fator de emancipação. Quando o labor honesto faltava, ou não supria todas as necessidades, a prostituição surgia como alternativa.

A grande dificuldade para emancipar a mulher da tutela masculina eram as poucas oportunidades de emprego e os baixos salários pagos. Os postos mais elevados e que recebiam melhores salários estavam reservados aos homens, que deveriam ter remuneração condigna, pois tinham a obrigação de prover o sustento da família, incluindo o de membros femininos que assumiam os papéis de esposa, mãe, filha e irmã.

Em 1910, Antonino Freire, ao inaugurar a Escola Normal Oficial, que tinha como objetivo formar professoras primárias, deixa clara a ligação entre a baixa remuneração do professorado e a escolha do público feminino para formar o corpo discente da escola. Segundo ele, as mulheres se contentariam com os baixos salários pagos pelo poder público.²⁶

Ser professora, no início do século, aparecia como entrada honesta e digna para as mulheres de elite no mundo do trabalho;²⁷ mas não possibilitava a elas prover o sustento, devido “aos minguados ordenados” recebidos.

Para o pensamento tradicional, seja na vertente ligada ao catolicismo ou aos livres-pensadores maçônicos, a mulher deveria continuar a ter sua vida voltada aos espaços domésticos e a cuidados com a casa e os filhos, a eles deveria dedicar a vida e os conhecimentos. Essas eram

24. “Vida social - o meu ponto de vista”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, Nº 49, Teresina, 04 de março de 1926, p. 4.

25. PERROT, Michelle. Op. cit. P. 281-303.

26. FREIRE, Antonino. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Piauí em 1º de junho de 1910**. Teresina, Imprensa Oficial, 1910.

27. MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **A mulher das camadas médias entra no mercado de trabalho: Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo, Edições Loyola, 1993, p. 191-196.

atitudes conservadoras e que marcavam profundamente o pensamento da sociedade, determinando assim a ação das pessoas. Esse pensamento tradicional e conservador mostrou sua força, quando começou a ser ameaçado por novas propostas sociais, principalmente a partir da década de 20. Sobre esse momento, o esclarecimento de Mirian Moreira Leite é bastante revelador.

Alguns aspiravam à modernização e não tinham recursos para financiá-la. Os católicos manifestavam-se contra ela, atribuindo aos novos comportamentos e às novas ideias que começavam a circular, a decadência da família, a imoralidade das mulheres e o abandono das crianças. Os positivistas consideravam que a família deveria ser, antes de tudo, o meio de preparação do cidadão, na vida privada, para o que era preciso uma divisão rígida dos papéis sexuais. O homem deveria sustentar a mulher, enquanto esta desenvolvia suas qualidades altruístas de conformação e dedicação aos filhos. Deveria existir uma separação rígida e intransponível entre a esfera social e a doméstica, que a mulher só transporia em casos extremos.²⁸

Ameaçados por novos padrões de comportamento, que eram a todo momento veiculados nos cinemas e jornais, mostrando a força das novas propostas sociais, os defensores dos princípios tradicionais partiram para a defesa de suas ideias e da sociedade. Por um longo tempo, esse conflito entre novos e velhos modelos de comportamento social deu o tom a muitas disputas.

O final do século XIX e início do século XX são marcados pela incorporação de novos produtos, frutos dos avanços tecnológicos, à vida cotidiana. Entre as novidades, estavam o telefone, os carros e o cinema. Acompanhando essas inovações, surgem também novas modas, ligadas principalmente ao vestuário feminino, como os cabelos à “la garçonne”, as saias curtas, entre outros. Essas novidades provocam forte impacto nos lugares a que chegam. O cinema, por exemplo, revoluciona os comportamentos sociais em cidades como Teresina. Ele muda o namoro, traz novos modelos para o vestuário e se torna mesmo uma diversão elegante e desejada. As inovações trazem também à discussão temas como a emancipação feminina e a abertura de espaços no mundo do trabalho às mulheres.

Um primeiro aspecto das novas perspectivas para as mulheres era a inserção no mercado de trabalho. Em Teresina, a penetração das mulheres em atividades remuneradas nos espaços públicos se dava em fábricas, principalmente no setor têxtil, que era uma atividade anteriormente exercida por mulheres na indústria artesanal doméstica; no setor educacional, particularmente na educação primária, que ganha maiores atenções governamentais e ocupa maior número de professoras; e no funcionalismo público, onde as mulheres se ocuparão principalmente em atividades como telegrafia e datilografia. Para Mirian Moreira Leite, esse processo de inserção feminina no mundo do trabalho se dava não somente por vontade de realização pessoal, mas por necessidade de sobreviver na falta de uma figura masculina na família que as tutelasse.²⁹ No caso de Teresina, como pudemos constatar, as mulheres começaram a ocupar posições nos setores produtivos, não só para adquirir o sustento na falta de um homem, mas também para completar o orçamento familiar. É sobre esse ponto que trata Eric Hobsbawm ao

28. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. P. 193.

29. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. P. 191-196.

analisar o comportamento dos pais de classe média ingleses, em aceitar certa liberalização das mulheres da família, principalmente quando não casadas.³⁰

Um segundo aspecto de mudança dos comportamentos femininos eram as novas modas que chegavam a Teresina pelo cinema e revistas. As roupas compridas e sufocantes que tiravam a agilidade do corpo e os velhos penteados (cocós) eram substituídos por modelos que se adequavam melhor às novas perspectivas sociais. O mundo moderno exigia da mulher maiores atividades. A vida trancada nos recintos domésticos aos poucos se tornava coisa do passado; era preciso que o corpo feminino estivesse preparado para suprir novas exigências, por isso a utilização de exercícios físicos era colocada também às mulheres. Elas deviam ter condições físicas de acompanhar a velocidade dos novos tempos e ter um corpo saudável para gerar filhos fortes e sadios. A cultura física ganha papel preponderante não só da preparação física, mas também como aperfeiçoador da plástica feminina.³¹

O vestuário da mulher moderna também a deixa mais coquete. Seguir a moda no seu rigor passou a ser exigência para muitas moçoilas que tentavam, com os novos modelitos, atrair a atenção masculina e a inveja feminina. O modelo feminino marcado pelo recato e pudor era substituído por uma mulher que utilizava artifícios para se fazer mais bonita e elegante, até mesmo se tornando um tanto vulgar para padrões de beleza tradicionais. Os cronistas dos jornais percebem esse momento e retratam muitas moças com suas roupas e trejeitos no rigor da moda.

Mlle A La Garçonne ...

Envolta num decotado vestido marrom, adornado de miçangas claras, mademoselle A La Garçonne passa donairosa e sorridente pelas ruas, num bamboleio estonteante de louça, conversando muito hipocritamente aqui e ali, com um almofadinha de esmerada espécie (...).

Entretanto mademoiselle passa , alheia a tudo , sempre alegre e festiva, ... Na sua bolsinha de veludo azeitonado vão o rouge, o crayon, o pó de arroz, armas indispensáveis à mulher moderna, encantadora que tudo “alargaçoniza” na sua marcha triunfante.³²

As novas perspectivas do universo feminino também se estendiam ao campo da política. Mesmo em países que adotavam o regime democrático, e, com ele, o sufrágio universal, as mulheres continuavam excluídas da participação política. A justificativa para tal exclusão baseava-se na falta de independência destas, e no medo de que a Igreja, que tinha uma forte influência sobre elas, passasse a manobrá-las politicamente e a dominar, assim, boa parte do eleitorado.³³

Todo esse processo que se dava na sociedade ocidental, de emancipação política feminina e de conquista de novos espaços sociais, chega a Teresina principalmente pelos jornais. As mulheres ainda estavam muito apegadas à igreja e aos valores tradicionais, por isso não houve campanhas em favor de manifestações femininas na cidade. Poucas mulheres expre-

30. HOBSBAWM, Eric. J. **A era dos Impérios. 1875-1914**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988, p. 285.

31. “A nova moda”. **O Piauí**. Ano XXVII, Nº 281, Teresina, 29 de abril de 1917, p. 1.

32. “Mademoiselle a la garçonne”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, Nº 31, Teresina, 07 de fevereiro de 1926, p. 4.

33. REMOND, René. **O século XIX - 1815 - 1914**. São Paulo, Cultrix, 1991, p. 63-64.

saram sua opinião sobre a emancipação política feminina: algumas se mostravam eufóricas; outras assumiam posturas mais discretas e mesmo contrárias a essa emancipação.³⁴

A característica fundamental das mulheres teresinenses que aderem a certas inovações é exatamente tentar adaptar velhos valores tradicionais às novidades que estão surgindo. É por isso que em um momento elas estão nos cinemas, no carnaval, nos passeios públicos e pouco tempo depois na igreja, a ouvir os conselhos dos padres contra o feminismo, contra as novas modas. Elas estavam entre a vontade de viver os prazeres proporcionados pelo lazer público, de usar cabelos à “la garçonne” e vestidos curtos, e a de aceitar certas ideias feministas, ou por outro lado, de viverem uma vida recatada, voltada ao lar e aos seus afazeres, aceitando os conselhos dos pais e dos padres. Esse era o dilema de muitas mulheres, principalmente na década de 20. Essa postura ambígua fica clara na crônica do **Piauí**.

Mademoiselle mesmo é um exemplo. Ainda outro dia, quando quis gozar a encantadora loucura pagã das festas de momo, a quem foi que se dirigiu para poder ter, no pecado, o sossego de espírito e a alegria da alma? Foi a sua consciência? Foi a seu pai? Não, foi em São Benedito, em cuja a igreja nós a vimos entrar domingo de carnaval, à tardinha (...)

Mademoiselle rezou e foi aos Fanfarrões. E ao dia seguinte, apenas com uma sombra de cansaço nos olhos cor de castanha, Mademoiselle era toda alegria gloriosa e magnífica, sorrindo aos homens que passavam.³⁵

Apegada às tradições religiosas e muito dependente dos elementos masculinos, muitas mulheres continuavam a pautar sua vida em valores e papéis sociais tradicionais. Abandonavam os empregos após o casamento, se essa fosse a vontade do marido e passavam a se dedicar ao esposo e aos filhos. Outras continuavam a ocupar os postos de trabalho porque não casavam ou porque havia o consentimento do marido que muitas vezes precisava dos ganhos conseguidos pela mulher para completar o orçamento doméstico. Das novidades trazidas pela modernidade ao comportamento feminino, a que teve maior número de adeptos foram as modas, incluindo os cortes de cabelo e vestuário. A moda mexia com a vaidade, e usar roupas fora de moda poderia significar não chamar a atenção dos homens e passar despercebida pelos maridos em potencial.

As novas propostas de comportamento, de vestuário e de participação das mulheres na sociedade chegam a Teresina desde o início do século XX; porém esse afluxo acentua-se no decorrer da década de 20. Nesse período, as novidades conseguem mais adeptos e também número maior de inimigos. O jornal foi o grande canal de comunicação que veiculava o pensamento conservador e o contrário às transformações sociais, e dentro delas as mudanças no comportamento feminino. O temor era o de que a mulher, ligada ao trabalho remunerado e fora do lar, acabasse por provocar o fim da família e desprezasse os filhos. As novas modas, por seu lado, eram vistas como imorais e fora dos padrões de recato aceitável para uma mulher de respeito. O voto feminino era visto como algo inconcebível e capaz de provocar conflitos dentro do lar.

Apegados a velhos padrões de comportamento, muitos não viam como seria possível manter o equilíbrio social com a mulher deixando seu espaço privilegiado e tranquilo, que era o lar, para

34. “O feminismo”. **O Piauí**. Ano XXXVII, Nº 273, Teresina, 28 de novembro de 1925, p. 4.

35. “Vida social”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, Nº 50, Teresina, 05 de março de 1926, p. 4.

ir aos espaços públicos competir com os homens nos tribunais, nas letras e em outras áreas de trabalho. Essas mudanças do comportamento feminino só trariam o caos e a destruição da família.

O lar quase deserto (...). A mulher nossa rival na faina da vida diária, se acotovelando, conosco, coberta de suor e de poeira, como uma competidora na conquista de todas as posições, perdeu a poesia do amor misterioso que fazia o encanto do seu sexo. Contra esse desastre da família, contra a imolação da mulher, que deserta do lar, é que eu protesto. Se a civilização é isto; se os nossos costumes, para nos darem foros de sábios devem ser assim, prefiro que nos isolemos como a China e vivamos na santidade cristã dos nossos antepassados, tolos mas honrados no lar feliz, junto da esposa analfabeta mas pura, rodeada da prole nédia. Salvemos a família, embora se arruine essa falsa civilização paganizada e imoral.³⁶

As novidades no vestuário eram outro ponto combatido. Elias Martins, defensor ferrenho da família e dos princípios morais, chamava a atenção para as novas tendências da moda feminina que, de estação em estação, faziam avançar os decotes, recuar as saias, com isso desvendando os segredos do pudor e tornando as mulheres alvos de libidinosos desejos. Segundo Martins, os amantes do gozo aproveitavam-se das voltas nas danças, das investidas do vento, do cruzar de pernas para avançarem os olhares em partes do corpo feminino, antes guardadas pelo pudor das roupas longas.³⁷ Para o pensamento tradicional, a mulher moderna parecia ressuscitar a velha Eva mitológica, tornando-se sedutora, libidinosa e vulgar. Outro aspecto dessa crítica é a ideia de que as novas modas diminuía as diferenças entre os sexos, deixando a mulher muito próxima do homem. Ao abandonarem os cabelos longos e adotarem os cabelos curtos à “la garçonne”, a mulher segundo o pensamento conservador aproximava-se dos modelos masculinos.³⁸

No tocante à participação política, a crítica baseava-se principalmente na falta de capacidade para exercer, com independência, o direito de voto e no desequilíbrio que essa concessão traria para o ambiente doméstico. As paixões políticas acabariam por dividir os casais e causar transtornos na administração das tarefas domésticas cotidianas.

O voto feminino

(...) imaginem as senhoras a complicação nos lares, quando o marido, vexado para almoçar porque já deve estar sendo feita a chamada da eleição a que tem de ir, pedir providência à mulher, e esta lhe bradar aos queixos que também está vexada, porque igualmente vai votar (...). E quando as opiniões políticas divergirem, votando a mulher em candidato contrário ao do marido?³⁹

Um último argumento utilizado pelos defensores dos valores tradicionais, para justificar a sua ideia de não conceder o direito de voto às mulheres era o fato de a política no Brasil ser considerada algo sujo e indigno para uma mulher honesta. Seria um desrespeito à mulher envolvê-la nas disputas eleitorais.

36. FREITAS, Clodoaldo. **Em roda dos fatos**. Teresina, Tipografia Paz, 1911, p. 77.

37. MARTINS, Elias. **Fitas**. Teresina, Tipografia do Jornal de Notícias, 1920, p. 36.

38. “Vida social”. **O Piauí**. Ano XXXVIII, nº 78, Teresina s/d, p. 38.

39. “Comentos e notas”. **Gazeta**. Ano XVII, nº 762, Teresina, 17 de fevereiro de 1927, p.1.

Para os defensores dos valores tradicionais, as ideias de emancipação feminina deveriam ser combatidas por se tratar de propostas extremamente nocivas à família e à mulher. Apoiar tais ideias seria aceitar a derrocada dos valores morais, destruir a família e com ela a sociedade. Para a mulher, as consequências seriam terríveis, pois ocupar funções no mercado de trabalho e nos espaços públicos traria como consequência o abandono do lar e dos filhos, e com isso o descumprimento da missão fundamental que era a de ser mãe. Para a Igreja, à medida que elas se desligavam dos valores tradicionais, aceitavam os novos comportamentos sociais e as novas modas, começavam a vulgarizar-se e afastar-se do modelo exemplar de Maria, aproximando-se do modelo negativo de Eva.⁴⁰ Esse modelo era marcado pelo desejo de seduzir os homens, utilizando-se, para isso, de artifícios que as tornavam mais belas, entretanto, mais vulgares e mundanas.

40. PERROT, Michelle & DUBY, Georges. Op. cit. P. 199-237.